

# A nostalgia do tempo dos auditórios

SÉRGIO CABRAL

Hoje, as "macacas de auditório" praticamente desapareceram, dando lugar a um novo tipo, as chamadas tletes, jovens que aparecem em todos os shows de música popular. Mas Cauby está pronto para os novos tempos, tendo enfrentado até uma operação plástica nos olhos, além de tomar algumas providências para reformular a sua imagem. Uma das primeiras referências à carreira de Cauby Peixoto está registrada numa edição de março de 1949 da "Revista do Rádio". Babi de Oliveira, produtora do programa "A hora do comércio", da Rádio Mauá, deu entrevista sobre os novos valores que surgiam em seu programa e chamou a atenção particularmente para um artista:

— Temos um rapaz, ótimo cantor de sambas, que assegura o seu êxito em qualquer dos nossos estúdios. O rapaz era Cauby Peixoto, que explodiria para o

sucesso cinco anos depois, graças a um espetacular lançamento planejado pelo seu empresário, o negociante e compositor Di Veras. Algumas apresentações no "Programa César de Alencar" foram suficientes para que ele se transformasse num dos maiores ídolos populares do Brasil. Os cronistas de rádio o escolheram como Cantor Revelação de 1954 e nesse ano era um dos cantores de maior cachê da música popular: 50 contos por apresentação.

Além da empatia do cantor, havia, sem dúvida, o trabalho do empresário Di Veras. Ambos desmentem

a versão corrente de que pagavam as fãs para desmaiarem no auditório e citam até o caso de uma delas que foi atendida pelo radialista e médico Paulo Roberto, que constatou realmente um desmaio. "Talvez fosse até por fome — lembra Cauby — pois as fãs permaneciam muitas horas na fila para entrar no auditório sem comer nada".

Mas havia alguns artifícios. Um deles era reunir um grupo de fotógrafos que acompanhavam o cantor em todos os lugares onde aparecesse. Não precisavam fotografar, bastava que espocassem o flash no momento em que ele saltasse do carro e caminhasse para o local da apresentação. Di Veras fornecia à imprensa informações sobre sensacionais noivados de Cauby, um deles com a Miss Portugal. Depois, colocou a voz do cantor no seguro, com um prêmio fabuloso de três milhões de cruzeiros. Daí o slogan: "A voz que vale milhões". A revista norte-americana "Life" mandou uma equipe para fazer uma reportagem com Cauby Peixoto no auditório da rádio. Em recente entrevista, ele contou o que ofereceu aos fotógrafos da revista:

— Chamei as duas abelhas-

mestras do meu fã-club, Lidia e Dinah, e acertei com elas o seguinte: eu vestiria uma roupa mal alinhavada, facilmente despencável. E quando a saísse do auditório, já no hall da rádio, seria atacado pelas meninas, enquanto o pessoal da "Life" faria um carnaval de fotografias. Foram momentos de glória. Basta dizer que em todo o ano de 1955 apenas dois nomes apareceram na capa da revista "O Cruzeiro": o presidente Juscelino Kubitschek e o cantor Cauby Peixoto. E, em meio ao grande sucesso, apenas um grande e profundo amor: a atriz Dorinha Duval.

Sua família é de músicos. Seu tio Romualdo Peixoto, o Nonô, além de grande compositor, era um pianista de tais qualidades que recebeu o título de "O Chopin do Samba". Um outro tio era o cantor Ciro

Monteiro, um dos mais perfeitos de toda a história da música brasileira. Seus irmãos Moacir (piano) e Araken (piston) estão incluídos entre os grandes instrumentistas brasileiros. E suas irmãs, Iracema e Indiara, são cantoras com inúmeras participações em coro de gravações de discos. Era, por sinal, com o seu irmão Moacir que Cauby estava trabalhando quando foi descoberto por Di Veras. Ele cantava na boate "Oasis", em São Paulo, e Di Veras apareceu num elegante Thunderbird negro, convidando-o para iniciar uma carreira no rádio. Influenciado na maneira de cantar por Dick Farney e Nata "King" Cole, um dos seus primeiros sucessos foi exatamente uma versão de uma das músicas mais conhecidas de um dos seus ídolos, "Blue Gardenia". Desde então, foi uma carreira de muitos altos e alguns baixos, mas que lhe deu o suficiente para adquirir tantos bens que, se por um motivo qualquer tivesse que parar de cantar, sua sobrevivência estaria assegurada para sempre.

Ele deve tudo isso ao empresário Di Veras, que sempre cuidou dele com se fosse um filho.

— Di Veras é o meu segundo pai. Tudo que ele manda eu faço, mesmo

que, na hora, eu não concorde. Não gosta de bebidas alcoólicas e não gasta dinheiro à toa, embora não se considere um pão duro. Seu único luxo é roupa (gasta mensalmente mais de cem mil cruzeiros em ternos). Embora esteja preparado para um novo salto em sua carreira, não esconde a nostalgia do tempo dos auditórios. Há cerca de três anos, cumpriu uma vitoriosa temporada no Teatro João Caetano, na série Sels e Meia, ao lado de Emília Borba. No último dia da temporada, ele não resistiu e pulou na plateia, onde o seu elegante smoking verde foi devidamente arrancado pelo público que berrava como nos tempos da Rádio Nacional.

— Professor (é assim que ele chama todo mundo), eu sou apenas um cantor da música popular brasileira.